

Resumo: Estudo que objetivou conhecer a percepção dos jovens universitários acerca da sexualidade e descrever as condutas sexuais dos estudantes em seus relacionamentos. Pesquisa descritiva, qualitativa, realizada numa instituição de ensino superior privada, no Rio de Janeiro, com universitários de 18-29 anos. Dados coletados com emprego da técnica de grupo focal, sendo analisados com a técnica de análise de conteúdo temático-categorial, com auxílio do software Nvivo 9.0. Emergiram três categorias, sendo apresentadas neste artigo: relacionamentos, iniciação sexual e o diálogo com as crenças religiosas na perspectiva dos jovens universitários. As condutas sexuais do grupo são influenciadas pela cultura, religiosidade e relações entre os gêneros, e há interferência desses aspectos no entendimento desses conceitos. Os universitários se ressentem de uma maior participação dos pais na sua orientação sexual. A educação em saúde para orientação e preservação da saúde sexual e prevenção de agravos do grupo jovem é uma prática fundamental e necessária.

Descritores: Sexualidade, Comportamento Sexual, Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Sexual initiation and talking about sexuality: view of university students

Abstract: This study aimed to know the perception of university students about sexuality and to describe the sexual behavior of students in their relationships. Descriptive, qualitative research, it was conducted in a private higher education institution in Rio de Janeiro, with university students aged 18 to 29 years. Data were collected using the focus group technique, being analyzed with the technique of analysis of thematic-categorical content, with the aid of Nvivo 9.0 software. Three categories emerged, being presented in this article: relationships, sexual initiation, and dialogue with religious beliefs from the perspective of college students. The findings demonstrate that the group's sexual behaviors are influenced by culture, religiosity and gender relations, and there is an interference of these aspects in the understanding of these concepts. College students have resented the great involvement of their parents in their sexual orientation. In addition, health education for guidance and preservation of sexual health and disease prevention in youth group is a fundamental and necessary practice.

Descriptors: Sexuality, Sexual Behavior, Sexually Transmitted Diseases.

Iniciación sexual y diálogo sexual: visión de estudiantes universitarios

Resumen: Un estudio que tenía como objetivo conocer la percepción de los jóvenes universitarios sobre la sexualidad y describir los comportamientos sexuales de los estudiantes en sus relaciones. Investigación descriptiva y cualitativa realizada en una institución privada de educación superior en Río de Janeiro con estudiantes universitarios de entre 18 y 29 años. Datos recogidos mediante la técnica de grupo focal, siendo analizados con la técnica de análisis de contenido temático-categorial, con la ayuda del software nvivo 9.0. Surgieron tres categorías, siendo presentadas en este artículo: relaciones, iniciación sexual y diálogo con creencias religiosas desde la perspectiva de los jóvenes universitarios. Los comportamientos sexuales del grupo están influenciados por la cultura, la religiosidad y las relaciones de género, y hay interferencia de estos aspectos en la comprensión de estos conceptos. Los estudiantes universitarios resienten una mayor participación de los padres en su orientación sexual. La educación sanitaria para la orientación y preservación de la salud sexual y la prevención de enfermedades del grupo joven es una práctica fundamental y necesaria.

Descritores: Sexualidad, Comportamiento Sexual, Enfermedades de Transmisión Sexual.

Thelma Spindola

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando na graduação e no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da UERJ. E-mail: tspindola.uerj@gmail.com

Rayanni Sampaio Teixeira

Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Enfermeira Oficial Rm2 na Marinha do Brasil. E-mail: rayanni.teixeira@gmail.com

Rômulo Frutuoso Antunes

Graduando de Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica – CNPq. E-mail: romulofantunes@gmail.com

Yndira Yta Machado

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista FAPERJ. E-mail: yndiramachado@gmail.com

Submissão: 29/11/2019

Aprovação: 21/03/2020

Como citar este artigo:

Spindola T, Teixeira RS, Antunes RF, Machado YY. Iniciação sexual e diálogo sobre sexualidade: visão de jovens universitários. São Paulo: Revista Recien. 2020; 10(30):106-116.

Introdução

O aprendizado da sexualidade é um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, se acelera na adolescência e na juventude pelas transformações decorrentes da puberdade, quando tende a se manifestar com mais intensidade garantindo uma autonomia individual sobre si. As características próprias da juventude, aliadas à falta de oportunidade de os jovens refletirem sobre os riscos a que estão expostos e de acesso para esclarecimentos sobre saúde sexual, impedem a formulação de opiniões, hábitos e possíveis medidas preventivas. Além disso, é comum acreditarem que são um grupo saudável e possuem poucas demandas relacionadas à sua sexualidade¹.

A sociedade, em geral, por questões culturais, sociais ou geográficas, não reconhece o jovem como pessoa sexuada, livre e autônoma, o que faz reduzir o acesso desse grupo às informações, serviços e recursos em comparação ao adulto. O que se evidencia é um contraste profundo. Há exposição do corpo e da sexualidade humana de um lado e, do outro, um moralismo regulador que impede uma discussão consciente sobre estas questões. Os jovens, então, se tornam vulneráveis a experiências sexuais desprotegidas e ficam susceptíveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)².

No tocante às IST, estima-se que 25% dos diagnósticos são realizados em indivíduos com menos de 25 anos e que, no mundo, a cada ano, um entre 20 jovens contrai alguma destas infecções. As pesquisas internacionais apontam que estes números podem ser bem maiores, além da existência de subnotificações. Percebe-se, então, que os assuntos de maior interesse dos jovens, apontados pela Secretaria Nacional da

Juventude (SNJ), são exatamente os que mais incidem em suas vidas³.

O conceito da sexualidade como constructo social será abordado neste estudo a partir da concepção dos roteiros sexuais. Roteiro sexual é compreendido como um conjunto de elementos simbólicos verbais e não verbais que fundamentam condutas organizadas, delimitadas no tempo e espaço, sendo descritas as motivações, encaminhamentos e finalizações dos comportamentos a partir das construções sociais e culturais, compreendidos como configurações que norteiam certos comportamentos dos indivíduos⁴.

Cada pessoa exerce a sexualidade à sua maneira, adequando-se, na maior parte do tempo, às instruções pré-estabelecidas na sociedade, incluindo as convenções de gênero. O sexo pode acontecer nas relações de “uma noite”, em encontros esporádicos ou nos relacionamentos sérios. Cada situação possui uma roteirização específica para cada gênero, com níveis variados de formalidade e intimidade sexual⁵.

Os jovens não percebem a amplitude de seus comportamentos, bastante representativos, que necessitam ser abordados e discutidos como parte da prática/desafio da universidade. Assim como no campo da educação, os serviços de saúde, também, têm dificuldades em tratar do tema e assegurar universalmente os direitos sexuais deste grupo. Assim, a apropriada orientação das práticas sexuais deste grupo é fundamental, tornando-os conscientes e agentes multiplicadores de informação, o que requer conhecimento acerca das condutas sexuais².

Discutir as características inerentes ao grupo jovem é relevante, considerando que o entendimento de suas experiências sexuais possibilita conhecer os reflexos em sua saúde sexual e a vulnerabilidade às

IST. Assim, definiram-se os seguintes objetivos para este estudo: a) conhecer a percepção dos jovens universitários acerca da sexualidade; b) descrever as condutas sexuais dos estudantes em seus relacionamentos.

Material e Método

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa. Este estudo utilizou informações do banco dados da pesquisa “Sexualidade e vulnerabilidade dos jovens em tempos de Infecções Sexualmente Transmissíveis”, vinculada ao Programa de Pós-graduação de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Os participantes do estudo foram 30 jovens universitários. Deste total, 15 eram do sexo masculino e 15 do feminino, contemplando a homogeneidade dos grupos focais. Os critérios de inclusão definidos foram: ser aluno regularmente matriculado em curso de graduação da universidade, com idade entre 18 e 29 anos, tendo em vista o Estatuto da Juventude (2013), que dispõe sobre os direitos e diretrizes das políticas/programas públicas de juventude aos indivíduos com idade entre 15 e 29 anos.

O cenário do estudo foi uma instituição de ensino superior privada localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados no período de junho a novembro de 2016 através da técnica de Grupo Focal (GF). Como estratégia para alcance dos objetivos da pesquisa matriz, foi elaborado um roteiro com temas a serem discutidos. Do instrumento que foi aplicado, os seguintes tópicos foram selecionados para esta investigação: jovem no contexto universitário; sexualidade; condutas sexuais/gênero, que tem aderência ao objeto deste estudo. No período de junho a novembro de 2016 foram realizados três

GF, que contaram com a participação de 10 estudantes (de ambos os sexos), uma moderadora e duas observadoras. Os encontros duraram cerca de 120 minutos.

Após a coleta de dados, os GF e o diário de campo foram transcritos na íntegra para a construção do *corpus*, que foi formatado de modo a tornar o material compreensível, retirando gírias e vícios de linguagem como “né”, “tá”, “assim”, “aham”; risadas; expressões não verbais; e palavras de uso coloquial inadequadas para uma pesquisa científica.

Para análise dos dados, foi empregada a técnica de análise do conteúdo, na modalidade de análise temático-categorial sistematizada por autor⁶, sendo operacionalizada com auxílio do *software* Nvivo 9.0.

Optou-se, também, pela forma manual de codificação, em que os fragmentos de texto eram recortados e agrupados em *Nodes* que representam as categorias. Esta pesquisa trabalhou com três grandes *Nodes*: Sexualidade; Condutas Sexuais dos Jovens e Prevenção de IST. Cabe ressaltar que os fragmentos de texto foram denominados como UR e selecionados à luz do referencial teórico, assim como a definição dos *Nodes*. Além disso, optou-se por codificar os nomes dos envolvidos em “participante 1”, “participante 2”, “participante 3” e, assim, sucessivamente para os demais.

A análise temática dos dados com auxílio do *software* Nvivo 9.0 resultou na identificação e codificação de 412 unidades de registro (UR) que respondiam às questões da pesquisa, sendo alocadas em 24 unidades de significação (US). Estas, por sua vez, foram agrupadas conforme aproximação e semelhança para a formação de três categorias, a saber: Compreensão dos jovens universitários acerca

da sexualidade, gênero e orientação sexual (105 UR); Relacionamentos, iniciação sexual e o diálogo com as crenças religiosas segundo os jovens universitários (250 UR) e uso do preservativo nos roteiros sexuais dos jovens universitários – motivações e estímulos (57 UR). Será apresentada a segunda categoria que se refere à perspectiva dos jovens universitários sobre os relacionamentos afetivos, a iniciação sexual e o diálogo com as crenças religiosas que representam 60,69% de UR dos achados.

Resultados e Discussão

A caracterização sociodemográfica do grupo investigado evidencia que a maioria dos participantes (26) têm idades entre 18 e 24 anos, e são estudantes de cursos da área de ciências da saúde (11) e ciências sociais aplicadas (10). A distribuição dos universitários na área de ciências da saúde incluiu os cursos de enfermagem e fisioterapia e, na área de ciências sociais aplicadas, direito, comunicação social, propaganda e publicidade, arquitetura, administração e serviço social.

Essa categoria apresenta 250 UR e seis US, que compreendem 60,69% do total do *corpus* analisado. As unidades de significação correspondentes à categoria são: relacionamentos, experiências sexuais na juventude, condutas sexuais e papéis de gênero, o momento da iniciação sexual, apoio parental e fontes de informação na iniciação sexual dos jovens e condutas sexuais e o diálogo com as crenças religiosas.

Conhecer como os universitários percebem as relações e o exercício da sexualidade no período da juventude é relevante à medida que possibilita uma aproximação à sua realidade e aos processos sociais vivenciados por estes indivíduos, bem como às repercussões para a sua saúde.

Em relação às experiências afetivo-sexuais, nota-se a pluralidade na classificação dos relacionamentos entre os jovens, sendo associados ou não à monogamia. Além do namoro tradicional, os participantes mencionaram o relacionamento aberto, o ficar não sério, o ficar sério e o poliamor.

Ficando sério com uma pessoa, você só está ficando com ela. O ficando não sério, você pega ela. Ah, o pegar é você chegar e beijar a pessoa ou transar com ela, o que for que seja e pronto e acabou [...] O ficar sério que é ficar com a mesma pessoa várias vezes, é um namoro não rotulado e o ficar que não é sério você pega a pessoa de vez em quando (participante 1, 21 anos).

E tem ainda o relacionamento aberto [...] Você está namorando com uma pessoa, só que você pode pegar outras pessoas [sem o envolvimento afetivo com as demais parcerias] e ela também. Tem o poliamor que é você namorar com mais de uma pessoa [envolvimento afetivo com mais de uma parceria] (Participante 7, 19 anos).

Expressões como “ficar”, “ficar sério” e namoro se referem aos tipos de relacionamentos vivenciados pela juventude, sendo diferenciados conforme os níveis de intimidade, afeto e confiança. Em geral, o “ficar” está ligado ao prazer, à ausência de vínculo e comprometimento. O “ficar sério” é a continuidade do “ficar” acompanhado do aumento da intimidade sexual e do afeto⁷.

O namoro se apresenta na esfera do campo amoroso, caracterizado pelas sensações de segurança, estabilidade, confiança e fidelidade. No contexto histórico brasileiro, cabe ressaltar que o namoro contemporâneo é distinto do namoro do começo do século XX, baseado no amor romântico conjugal com propósito de noivado, casamento e reprodução. Nesse período, havia grande vigilância em torno das experiências sexuais e preocupação com a preservação da castidade feminina⁸.

Os roteiros apresentados poderão ou não conferir uma ordem cronológica para o desenrolar de uma relação amorosa, por exemplo, a primeira etapa é o “ficar”, em seguida o “ficar sério” e, finalmente, o namoro. No entanto, a finalidade do namoro não é obrigatória tampouco requisito para ter relações sexuais, o que evidencia a maior liberdade dos jovens em relação ao exercício da sexualidade⁸.

As concepções de liberdade e permissividade foram apresentadas como principais características das condutas sexuais na juventude, assim como a prevalência de parcerias casuais.

A sociedade que a gente vive hoje em dia relacionada aos jovens não tem limites, eles não pensam nos limites e muitas vezes eu creio que não acreditam nas consequências [...] Então se torna irrelevante tudo aquilo que nossos pais viveram, nossos avós viveram, então vivemos da maneira que a gente quer viver, simples assim. Eu olhei para uma garota e achei ela bonita, achei ela sensual “ah, quero pegar ela”, por que ela? Porque meu corpo quer, porque gostei e por que não, o que me impede? Nada me impede [...] Tratamos tudo como se fosse banal [...] Eu quero aproveitar o momento! Estamos livres! (Participante 2, 20 anos).

A liberdade é percebida como uma modificação histórica positiva no mundo ocidental para ambos os gêneros e está fundamentada nos princípios de movimento, diversidade e emancipação. O jovem busca sentir-se livre para suprir suas necessidades, aproveitar momentos e prazeres⁷. Desse modo, rejeita qualquer norma, censura ou limitações determinadas nos roteiros sexuais com parceiros fixos e/ou relações monogâmicas, conforme demonstrado pelos participantes da pesquisa.

No contexto contemporâneo, a autonomia sexual é percebida como uma conquista tanto do gênero masculino como do feminino. Entretanto, a mulher permanece em condição de iniquidade quanto ao

número de parcerias sexuais e no modo de se relacionar.

Com certeza a mulher é muito mais reprimida pela sociedade e ela deixa de falar as coisas que ela quer porque ela tem medo de como ela vai ser vista e o homem não. É tipo, são comportamentos opostos que um é venerado e pra mulher é totalmente julgado pelo mesmo comportamento [...] Ele nunca vai ser julgado! (Participante 7, 19 anos).

Nos relatos se percebe o senso comum da existência de um comportamento sexual diferenciando para homens e mulheres. Estes papéis sexuais, contudo, se inscrevem no limite da heterossexualidade. Mesmo diante de um cenário sexista, a mulher na atualidade exerce sua sexualidade de maneira mais livre e desinibida quando comparado a outros períodos históricos. Um participante do sexo masculino criticou essa postura:

Hoje em dia as mulheres transam com múltiplos parceiros também e antigamente não acontecia isso. Tem essa questão da troca de parceiro, a multiplicação. Antigamente existia a relação com um, com dois, com três no máximo. Hoje tem mulheres com um namorado para cada dia da semana ou um ficante para cada dia da semana. [...] Hoje em dia elas não estão nem aí para isso [elas não se importam] (Participante 8, 21 anos).

Os relacionamentos afetivo-sexuais são socialmente construídos e são determinados segundo o contexto histórico, político e cultural, e pelos papéis sociais de gênero. Apresentam graus variados de envolvimento amoroso e intimidade sexual que podem ser conservados, ordenados e/ou modificados^{5,7}.

Quanto ao momento da primeira relação sexual, a faixa etária que contempla o período da adolescência foi considerada ideal pela maioria dos participantes. A puberdade e a orientação sexual foram apontadas como fatores influenciadores, assim como a

necessidade de preparo e amadurecimento para vivenciar esta etapa.

De iniciação sexual. Está em torno de 15 anos. Fazendo uma média aí, está em torno de 15 anos. Algumas pessoas com 13 e 12, outras com 17 [...] Porque se a pessoa tem aquela vontade, independentemente de você proibir ou não, ela vai fazer. A questão é: você está preparado para a situação ou não (Participante 1, 21 anos).

Este resultado é semelhante a outros estudos⁹⁻¹² demonstrando que a iniciação sexual dos jovens costuma ocorrer com idade inferior a 18 anos. Pesquisa Nacional sobre a Saúde do Escolar (PeNSE), realizada em 2015, revelou que 27,5% dos escolares matriculados no 9º do ensino fundamental com idades entre 13 e 17 anos já haviam iniciado a vida sexual¹³. Acrescenta-se que os estudos evidenciam que a população masculina costuma iniciar as atividades sexuais com idade inferior à feminina.

Pesquisa¹⁴ ao caracterizar o perfil sexual dos universitários, aponta que a idade média da iniciação sexual das jovens universitárias foi de 19 anos. A iniciação da vida sexual, portanto, costuma oscilar entre 16-20 anos, sendo 16 anos para os homens e 19 anos para as mulheres^{13,14}.

Outro aspecto abordado nas discussões foi a masturbação masculina, praticada na adolescência e que, geralmente, antecede a sexarca.

[...] pode considerar sexo apenas ver uma mulher pelada ou a penetração nela? Em termos de sexualidade, por exemplo, o desejo vai ser despertado mais ou menos com uns 12 anos de idade. É a idade em que os meninos começam a se masturbar um com o outro e isso é sério. Isso é algo que todo mundo concorda em não dizer, mas todo mundo fez. No caso das meninas, eu não sei (Participante 8, 21 anos).

No que concerne à masturbação feminina foi mencionado:

Os meninos, eles se masturbam, vocês veem os pais que dão revistas. Estimulam a masturbação do filho. Agora, se você pegar uma mulher numa

família tradicional, ela vai ser mal vista. Vai ser o que for. E o homem ele é incentivado a fazer aquilo. E se não for, é coisa de "Ah, ele está crescendo", "é a idade" (Participante 10, 20 anos).

A masturbação é uma prática naturalizada entre os homens jovens que a atribuem alguns significados, como a simulação e aprendizado do ato sexual e a exploração do corpo e dos prazeres, o que não é percebido no universo feminino, e permanece como objeto de repressão, desvelando as questões de gênero e sexualidade acerca desta prática¹⁵.

A iniciação sexual de duas participantes foi descrita com atos de violência sexual:

Então, eu vou trazer agora outra questão que dentro da sexualidade é muito presente, e, por exemplo, eu perdi a virgindade durante um estupro, quando eu tinha doze anos de idade, e então a sexualidade foi apresentada de forma obrigatória. Eu não sabia o que era sexualidade, e de repente eu me vi "não virgem", numa sociedade onde: "Ah, fulano perdeu a virgindade muito cedo", "Ah, então ela é sem vergonha", "Ela é prostituta". [...] A sexualidade para mim foi mais que imposta, foi introduzida (Participante 11, 20 anos).

Eu fui abusada sexualmente e por um parente meu [...] durante uns seis, sete anos, e eu não tinha noção do que significava aquilo. Eu só fui descobrir o significado daquilo porque [...] a minha irmã é muito mais ligada na internet do que eu na idade dela, e com seis anos, quando ele foi tentar fazer alguma coisa, ela começou a gritar: "Estupro!". [...] Eu tinha treze anos, e a minha irmã com seis anos sabia o que estava acontecendo de imediato. Passei anos [...] não entendendo o que significava aquilo (Participante 12, 22 anos).

A primeira experiência sexual para essas jovens foi traumática, não consensual, com violência, e acarretaram repercussões negativas. Estudo¹⁶ aponta que a violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno antigo e permanece frequente em nossa sociedade. O Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (PNEVSCA) mostrou uma queda de 56,54% nos casos de abuso sexual, no período de

2017-2019. Os dados apontam que houve maior prevalência de registros no sexo feminino, com 47,85% ocorrências em 2017, 48,16% em 2018, 48,40% no primeiro semestre de 2019¹⁷.

Resultados semelhantes foram apresentados em estudo sobre o perfil da violência sexual na população jovem. A maioria dos casos registrados é de crianças e adolescentes do sexo feminino, com idades entre 04 e 14 anos, e os principais agressores são homens com algum grau de parentalidade e convivência¹⁷. Investigando a mesma temática, estudo¹⁸ demonstrou uma taxa de reincidência de 41,3% dos casos, o que aumenta de modo expressivo as repercussões negativas da prática violenta.

A importância de obter informações relacionadas à sexualidade e às questões que englobam este tema, em todas as fases do desenvolvimento, foi destacada na fala da participante 12 e de outros universitários:

É uma questão de informação e do impacto que esta informação causa em você. Vivemos em uma sociedade muito machista e tem essa questão da mídia – os comerciais de cerveja, por exemplo, com aquele corpo escultural daquela mulher que estimula a libido do homem. A informação está sempre sendo passada e sempre causará um impacto (Participante 9, 21 anos).

Em geral, o jovem não dispõe de conhecimentos suficientes e nem educação sexual sistematizada, e obtém informações sobre sexo e sexualidade com amigos, na internet e outros meios de comunicação. Entendendo a iniciação sexual como um acontecimento relevante para suas vidas, os jovens expressaram a necessidade de uma rede de apoio, do compartilhamento de experiências, estratégias e a possibilidade de dialogar sobre suas dúvidas, inseguranças e dificuldades. O papel dos pais na educação sexual dos jovens foi referido nos relatos.

Eu tinha uma professora de biologia maravilhosa que ela ia de encontro aos alunos e não foi só comigo. [...] Todo mundo vai citar essa professora para vocês porque ela ia de encontro, ela queria saber. Qualquer tipo de dúvida! Eu lembro que quando era mais nova eu tinha muita curiosidade com a camisinha feminina e mesmo com a abertura da minha mãe eu me sentia desconfortável de perguntar para ela porque ela era minha mãe. [...] Então eu ia na psicóloga, na professora, nas palestrantes que distribuíam camisinhas e ensinaram a colocar (Participante 13, 20 anos).

Tudo que eu aprendi sobre sexualidade e sobre os métodos foi externamente. Quando eu comecei minha vida sexual, eu corri muito risco, eu fui muito vulnerável [...] Sentimos falta de conversar com alguém principalmente da família. Família é quem ampara a gente (Participante 14, 19 anos).

A literatura tem apontado as dificuldades dos pais para abordar assuntos referentes à sexualidade, o que gera distanciamento do jovem e sua família devido aos sentimentos de frustração e desamparo. A ausência de diálogo entre pais e filhos contribui para a vulnerabilidade dos jovens, que buscam informações em outras fontes, e assumem um comportamento de risco para adquirir IST¹⁹.

Os homens são incentivados a transarem desde cedo e as mulheres a se guardar [...] meu filho tem que transar, mas minha filha não. Minha filha tem que ser virgem! (Participante 4, 19 anos).

Você está falando de uma questão biológica. “Ah, eu me sinto preparada, então vou iniciar [...] o meu relacionamento com a outra pessoa, outras pessoas”. Culturalmente, quanto mais cedo o homem iniciar sua vida sexual, é melhor para a reputação dele. Quanto mais tarde a mulher iniciar sua vida sexual, é melhor para a reputação dela também “se essa mulher mantém uma relação sexual mais tarde, então ela é uma menina direita, é uma menina de família, é uma menina para casar” (Participante 13, 20 anos).

Na concepção das estudantes universitárias os homens são incentivados, desde cedo, a iniciar suas atividades sexuais. Esse estímulo, no entanto, não é observado com as mulheres. A educação sexual oferecida pelas famílias costuma apresentar diferenciação conforme o gênero. A sexualidade

masculina é estimulada, enquanto a feminina costuma ser silenciada ou negada. O processo de negação da homossexualidade e a imposição do padrão heteronormativo, também, foram exteriorizados nos relatos dos participantes desta pesquisa.

As motivações para o primeiro intercurso sexual são distintas entre homens e mulheres, e se perpetuam ao longo da vida sexual. A iniciação sexual masculina precoce decorre da necessidade de autoafirmação da heterossexualidade, além de serem estimulados à multiplicidade de parcerias. Já as mulheres tendem a protelar este evento e elaborar suas condutas sexuais dentro da conjugalidade com parceiro fixo²⁰.

Estudo realizado com jovens sobre os principais significados atribuídos à iniciação sexual masculina demonstra que estas expectativas sociais, também, são evidenciadas no modo como os familiares conduzem o diálogo sobre a sexualidade com seus filhos. Os jovens do sexo masculino são incentivados a terem relações sexuais para afirmarem sua masculinidade e virilidade. A primeira relação sexual, em geral, tende a ser com mulheres mais experientes e/ou profissionais do sexo¹⁵.

Pesquisa desenvolvida em São Paulo avaliou o início sexual, a satisfação e as preferências de jovens mulheres, identificou que o grupo apresentava uma concepção romantizada sobre sua sexualidade. Revelou, ainda, a preocupação em atender às demandas sexuais de seus parceiros e a manutenção das relações afetivo-sexuais¹⁵.

A influência das crenças religiosas na iniciação sexual foi mencionada nos relatos dos estudantes:

Religião reprime muito a sexualidade. Porque “ah, isso não é de Deus” (Participante 4, 19 anos).

Eu acho que a religiosidade influencia muito. Um exemplo: nossa sociedade é moldada numa doutrina católica. Então em tudo o que o catolicismo prega, não só o catolicismo quanto o cristianismo, prega que a mulher tem que ser do lar, tem que esperar [...] A principal causa é a religião. Não só para [...] mulheres, mas também dos gays, lésbica, de tudo! (Participante 6, 20 anos).

A religião, na concepção dos universitários, exerce uma forte influência na decisão do início das experiências sexuais dos jovens e, também, a permanência de preceitos religiosos como: sexo e matrimônio com finalidade de reprodução, valorização da castidade feminina e não aceitação da homoafetividade. Os mais religiosos, muitas vezes, têm medo de revelar suas condutas sexuais e manifestam sentimentos de medo e culpa em relação aos princípios religiosos.

Tirando por algumas amigas que eu tenho que são mais velhas. Você não assume o que faz por conta da religião. Elas ficam com vários caras e aí ficam com peso na consciência, mas se você está com vontade de fazer, por que você vai ficar reprimindo isso só por causa da sua religião? (Participante 15, 18 anos).

A pessoa acaba temendo. A base da religião já fala que você tem que ser temente a Deus, ou seja, você tem que temer Deus [...] então acaba que ele teme tudo e vai ser punido por aquilo. Muitas vezes a pessoa faz e tem uma vida normal, só que se sente culpado, ainda que fazendo algo normal, se sente culpado (Participante 16, 27 anos).

Este processo pode repercutir negativamente na saúde sexual dos jovens, em especial para as mulheres, como evidenciado no depoimento abaixo.

Vaginismo é uma síndrome no assoalho pélvico que algumas mulheres não conseguem ter relações sexuais e tem muitas mulheres nesse grupo que realmente desenvolveram a doença por causa da religião. [...] a maioria delas [...] são de lares evangélicos muito puros [...] É algo muito doloroso e eu falo isso porque sou ex-vagínica e por isso eu tenho um grupo [...] Muitas tem o vaginismo por causa da religião, onde a mãe falava “ah, o sexo é sujo, você não pode fazer sexo antes do casamento porque o sexo é sujo”. Isso gera um bloqueio psicológico e os bloqueios psicológicos mexem com

os músculos do assoalho [pélvico] (Thayssa, 20 anos).

Alguns autores, ao estudarem sobre religião, religiosidade e sexarca, confirmam este achado ao mapearem a produção científica nacional e internacional sobre a temática¹⁹. A população jovem mais religiosa, em especial os protestantes e pentecostais, tende a incumbir dogmas religiosos em suas experiências afetivo-sexuais que, muitas vezes, costumam ser postergadas até o matrimônio. O ato sexual desvinculado do casamento, nessa concepção, é considerado pecado ou “fornicação” e passivo de punição divina²¹.

O sexismo fica evidente quando se observa que as mulheres são mais pressionadas para evitar manter relações sexuais antes do casamento. O padrão de comportamento “puro” e ingênuo imposto pelas instituições religiosas remete a uma subordinação rígida e tensa, que impede as jovens de vivenciarem de modo pleno sua sexualidade²¹. A influência dos dogmas religiosos está presente, também, na maneira de lidar com as relações homoafetivas.

O desenvolvimento da educação sexual no ambiente escolar é uma alternativa para desconstruir a transmissão das informações fornecidas pelas famílias, e outras instituições, de geração em geração no que tange à sexualidade²². A inclusão desta temática no currículo escolar reforça o papel da escola na elaboração de ações continuadas sobre sexualidade. Alguns fatores como insegurança, despreparo, tabus, preconceitos e qualificação profissional, no entanto, impedem que os professores trabalhem este conteúdo. Nesse contexto, os profissionais de saúde poderiam oferecer à educação a possibilidade de uma ação integrada, de maneira

crítica e reflexiva, que pudesse contribuir para a sistematização da educação sexual para a população jovem²³.

O Programa Saúde na Escola (PSE) resulta do trabalho integrado do Ministério da Saúde (MS) e do Ministério da Educação (ME), na perspectiva de ampliar as ações específicas de saúde aos alunos da rede pública de ensino. Um dos eixos destacados como prioritários pelo programa é a implantação da promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos, incluindo a educação para saúde sexual, saúde reprodutiva e prevenção de IST²⁴. O MS e ME têm buscado políticas e programas públicos relacionados à educação sexual da população jovem. A proposta de articulação entre os setores saúde e educação implica a coparticipação de diversos sujeitos na educação sexual, o que permite a construção de uma sexualidade mais emancipatória, prazerosa e afetiva. Além do mais, propõe trabalhar o respeito por si e pelo outro, e contribuir para a formação de jovens responsáveis e conscientes de suas capacidades, direitos e responsabilidades²⁴.

No tocante a sexualidade dos jovens, o enfermeiro tem participado de ações educativas no contexto escolar, e nas consultas de saúde. Essa prática objetiva avaliar as atitudes e roteiros sexuais dos jovens, os tabus, as dúvidas/incertezas, além das contribuições sobre a melhoria do comportamento sexual desses indivíduos. Assim sendo, a atuação da enfermagem na promoção de saúde é importante, pois são multiplicadores de saberes saudáveis, reduzindo, assim, a morbimortalidade provocada por algumas doenças²⁵.

Conclusão

Os universitários investigados possuíam conhecimento sobre os conceitos de sexualidade, gênero, orientação sexual e percebiam a influência da cultura e dos papéis sociais de gênero no entendimento dessas temáticas. Em seus relatos sinalizam que, nos tempos atuais, existe diversidade nas relações afetivo-sexuais e maior liberdade para obtenção do prazer e da satisfação sexual.

Nos achados pode-se perceber distinção da iniciação sexual conforme o gênero, além de posturas diferenciadas no comportamento sexual dos universitários. Na percepção dos estudantes, as mulheres permanecem em condições de iniquidade no que concerne à troca e multiplicidade de parcerias, além da supervalorização dos relacionamentos fixos, de uma relação estável e monogâmica.

A violência no início da vida sexual, embora não fosse objeto deste estudo, foi referida por duas participantes. Os debates sobre gênero e relações de dominação, no ambiente familiar e nos espaços de convivência de crianças, adolescentes e jovens são relevantes, além de atividades relacionadas à prevenção de agravos para a saúde.

Acrescenta-se que a educação em saúde realizada por profissionais da educação e saúde, com participação dos jovens e seus responsáveis poderia mudar esse cenário. Além de orientações sobre as infecções e os métodos de prevenção, seria oportuno abordar a sexualidade para além dos princípios biomédicos, compreendendo-a como um aspecto inerente e essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Referências

1. Ferrari W, Peres S, Nascimento M. Experimentação e aprendizagem na trajetória afetiva e sexual de jovens de uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, com experiência de aborto clandestino. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018; 23(9):2937-2950.
2. Rodrigues JÁ, Silva LHF, Albuquerque SGE, Nogueira JDA, Anjos UU, Nascimento JA. Fatores contribuintes da vulnerabilidade individual dos jovens ao HIV. *Rev Bras Ciênc Saúde*. 2016; 20(2):141-148.
3. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP, Muroya RL. Conhecimentos de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta Paul Enferm*. 2019; 22(6):786-792.
4. Fontanella BJB, Gomes R. Cuidados à saúde sexual de duas gerações de homens: permanências e volatilidades de roteiros e habitus. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2015; 20(1):259-272.
5. Gagnon JH. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2006.
6. Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma técnica maior nas pesquisas qualitativas. Porto Alegre: Moriá. 2016.
7. Nogueira NS, Muzzeti LR. A relação amorosa o "ficar" a partir do habitus e da trajetória de vida dos jovens universitários. *Humanidades & Inovação* 2017; 4(6):67-77.
8. Chaves JC. Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*. 2016; 28(2):320-330.
9. Firmeza SNRM, Fernandes KJS, Santos EN, Araújo WJG, Oliveira ES, Silva ARV. Comportamento sexual entre acadêmicos de uma universidade pública. *Rev. Rene* 2016; 17(4):506-511.
10. Bezerra EDO, Pereira MLD, Chaves ACP, Monteiro PDV. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. *Rev Gaúcha Enferm*. 2015; 36(1):84-91.

11. Castro EL, Caldas TA, Morcillo AM, Pereira EM, Velho PE. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2016; 21(6):1975-1984.
12. Sales WB, Caveião C, Visentin A, Mocelin D, Costa PM, Simm EB. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Rev Enferm Ref*. 2016; 4(10):19-27.
13. Características da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. *Epidemiol Serv Saúde*. 2017; 26(3):605-616.
14. Alves B, Gonçalves MB, Fontoura LV, Neves GDE. Perfil sexual de estudantes universitários. *Rev Bras Prom Saúde*. 2017; 30(4):1-8.
15. Kobayashi C, Reis AS. Início da atividade sexual de mulheres jovens: questionando sua satisfação e preferências. *Bol Psicologia*. 2015; 65(143):123-130.
16. Soares EMR, Silva NLL, Matos MAS, Araújo ETH, Silva LSR, Lago EC. Perfil da violência sexual contra crianças e adolescentes. *Rev Interdisciplinar*. 2016; 9(1):87-96.
17. Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes (PNEVSCA). 2014. Relatório disque denúncia – módulo Crianças e Adolescentes. Brasília. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/informacao-aocidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>>. Acesso em 02 jan 2020.
18. Justino LCL, Nunes CB, Souza Gerck, MA, Fonseca SSO, Ribeiro AA, Paranhos Filho AC. Violência sexual contra adolescentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Rev Gaúcha Enferm*. 2015; 36:239-246.
19. Coutinho RZ, Miranda Ribeiro P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude. *Rev Bras Est Pop*. 2014; 31(2):333-365.
20. Santos TMB, Albuquerque LBB, Franca Bandeira, C, Andrade Colares, VS. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. *Rev de Atenção à Saúde*. 2015;13(44):64-70.
21. Noleto RS. Religião e sexualidade: dilemas contemporâneos brasileiros. *Cadernos Pagu*. 2016; 46:471-79.
22. Bozon M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
23. Bomfim AM, Anjos MB, Floriano MD, Figueredo CSM, Santos DA, Silva CLC. Parâmetros Curriculares Nacionais: uma revisita aos temas transversais meio ambiente e saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*. 2013; 11(1): 27-52.
24. Brasil. Ministério da Saúde. Programa Saúde nas Escolas. Brasília - DF. 2019. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>>. Acesso em 20 dez 2019.
25. Santos VRP, Adão IC, Oliveira EC, Campos ICM, Andrade SC, Sacramento OA. Os desafios da educação sexual no contexto escolar: o papel da enfermagem. *Rev Eletr DECT*. 2018; 7(03):187-207.